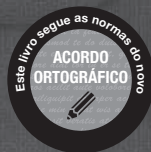


A marca do ZORRO

Tradução
Lilian Somavilla
Bomfim e Y. Cecília Levy



JOHNSTON McCULLLEY

2ª edição



© 2000 Zorro Productions, Inc.
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Character Comércio e Serviços Ltda.

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Capa e projeto gráfico
Alex Yamaki

Diagramação
Negrito Produção Editorial

Revisão
Juliana de Araujo Rodrigues

Colaboração
Rita Narciso Kawata

Imagens
Keystone
Latinstock

Impressão
Orgrafic

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M117m
2.ed.

McCulley, Johnston, 1883-1958
A marca do Zorro/ texto Johnston McCulley; tradução Lilian Somavilla Bomfim
e Y. Cecília E. V. Levy. – 2.ed. – São Paulo: Panda Books, 2011. 328 pp.

Tradução de: The mark of Zorro

ISBN: 978-85-7888-113-9

1. Zorro (Personagem fictício). 2. Aristocracia – Ficção. 3. Ficção americana.
I. Bomfim, Lilian Somavilla. II. Levy, Y. Cecília E.V. III. Título.

11-0925

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

2011
Todos os direitos reservados à Panda Books
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./ Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
twitter.com/pandabooks
blog.pandabooks.com.br
Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.



SUMÁRIO



1. SARGENTO GONZALES, O CONTADOR DE VANTAGENS.....	7
2. NO ENCALÇO DA TEMPESTADE.....	15
3. SEÑOR ZORRO FAZ UMA VISITA.....	24
4. AS ESPADAS DE GONZALES E ZORRO SE CRUZAM.....	29
5. CAVALGADA PELA MANHÃ	40
6. DON DIEGO PROCURA UMA NOIVA.....	47
7. UM TIPO DE HOMEM DIFERENTE	56
8. DON CARLOS E A HOSPITALIDADE TRAIÇOEIRA.....	64
9. O DUELO DE CAPITÃO RAMÓN E ZORRO	73
10. LOLITA DESPERTA CIÚMES.....	83
11. TRÊS PRETENDENTES	91
12. DON DIEGO HOSPEDA A FAMÍLIA PULIDO.....	99
13. DECLARANDO O AMOR	110
14. AS CARTAS DO CAPITÃO RAMÓN	122
15. NO QUARTEL	127
16. A CAÇA FRACASSADA	136
17. O SARGENTO GONZALES ENCONTRA UM AMIGO.....	142

18. DON DIEGO RETORNA AO POVOADO	149
19. O CAPITÃO RAMÓN PEDE DESCULPAS	154
20. O INTERESSE DE DON DIEGO	163
21. O AÇOITE	169
22. O CASTIGO NÃO TARDA	176
23. MAIS CASTIGO	183
24. NA FAZENDA DE DON ALEJANDRO.....	190
25. UMA ALIANÇA É FORMADA	201
26. O ACORDO.....	207
27. ORDENS DE PRISÃO	217
28. A HUMILHAÇÃO	225
29. DON DIEGO FICA DOENTE	235
30. O SINAL DA RAPOSA.....	243
31. O RESGATE	249
32. ZORRO CAVALGA COM LOLITA	257
33. FUGA E PERSEGUIÇÃO	267
34. O SANGUE DOS PULIDO	275
35. CAPITÃO RAMÓN E ZORRO DUELAM NOVAMENTE.....	281
36. TODOS CONTRA ELES	296
37. A RAPOSA ENCURRALADA	303
38. O HOMEM DESMASCARADO	309
39. QUE BOBAGEM!.....	316
A LENDA DO ZORRO	321

1. SARGENTO GONZALES, O CONTADOR DE VANTAGENS



A cortina de chuva batia no telhado feito de telhas espanholas vermelhas. O vento assobiava como uma alma atormentada e a fumaça saía das lareiras enquanto as faíscas caíam no chão sujo.

— Esta é uma daquelas noites em que coisas malignas acontecem! — disse o sargento Pedro Gonzales, enquanto esticava os enormes pés dentro das botas em direção ao fogo ruidoso. Segurava o cabo da espada com uma das mãos e tinha uma caneca cheia de vinho na outra.

— Os diabos uivam ao vento e os demônios estão nas gotas de chuva! É realmente uma noite maldita, não é, senhor?

— Tem razão! — concordou prontamente o gordo dono da taverna, que se apressou para encher novamente a caneca de vinho do sargento. Gonzales ficava num tremendo mau humor em algumas situações como, por exemplo, quando não o serviam de vinho.

— Uma noite maldita — repetiu o enorme sargento. Esvaziou a caneca sem parar nem para respirar, uma proeza que tinha atraído considerável atenção e dado a ele um certo grau de

notoriedade no vaivém do Camiño Real, como era chamada a estrada que ligava uma grande sucessão de missões.

Gonzales esparramou-se para mais perto do fogo e não se importou que isso privasse os outros homens do calor da lareira. O sargento já expressara diversas vezes sua crença no fato de que um homem deveria sempre procurar obter seu próprio conforto antes de considerar o dos outros; e como era muito grande e habilidoso com a espada, havia poucos homens suficientemente corajosos para discordar dele.

Do lado de fora, o vento assobiava e a chuva caía no chão como uma enxurrada. Era uma típica tempestade de fevereiro no sul da Califórnia. Nas missões, os frades tinham cuidado dos animais e fechado as casas para o período da noite. Em toda grande fazenda, as lareiras estavam acesas. Os índios tímidos permaneciam em suas pequenas cabanas de adobe, felizes por estarem abrigados.

E aqui, no pequeno povoado de Reina de Los Angeles, onde no futuro cresceria uma grande cidade, a taverna que ficava em um dos lados da praça abrigava homens que preferiam se esparramar diante da lareira até o amanhecer, em vez de enfrentar a chuva torrencial.

O sargento Pedro Gonzales, por causa de seu tamanho e posto, apropriava-se da lareira. Um cabo e três soldados do presídio estavam sentados um pouco atrás dele, bebendo vinho aguado e jogando cartas sem muito entusiasmo. Um

empregado índio permanecia de cócoras em um canto. Não era um novato que aceitara a religião dos frades, mas de um pagão e renegado.

Era assim na época da decadência das missões, e havia certa paz entre os franciscanos, seguidores dos passos do santo Junipero Serra, fundador da primeira missão em San Diego de Alcála e que conseqüentemente possibilitou a criação de um império, e os seguidores dos políticos e dos que tinham altos postos no exército. Esses homens que bebiam vinho na taverna em Reina de Los Angeles não queriam de jeito nenhum um espião novato entre eles.

Houve um silêncio, fato que incomodava e amedrontava um pouco o dono da taverna, pois o sargento Pedro Gonzales, em uma conversa, era o sargento Gonzales em paz e, sem estar ocupado conversando, o grande soldado poderia se sentir impelido a agir e começar um alvoroço.

Gonzales já havia feito isso em duas ocasiões, o que causou um grande estrago nos móveis e nos rostos dos homens. O dono da taverna tinha apelado para o comandante do presídio, capitão Ramón, mas perdeu tempo, pois o capitão informou-o que tinha problemas em excesso e que cuidar de uma hospedaria não estava incluído entre eles.

O dono da taverna, portanto, observava Gonzales cautelosamente. Aproximou-se da mesa e, na tentativa de evitar problemas, começou uma conversa.

— Estão dizendo no povoado — anunciou — que esse tal señor Zorro está em toda parte novamente.

Suas palavras causaram um impacto inesperado e terrível de se testemunhar. O sargento Gonzales atirou sua caneca com vinho no chão sujo, aprumou-se de repente no banco e deu um murro na mesa, fazendo com que as canecas de vinho, as cartas e as moedas se espalhassem em todas as direções.

O cabo e os três soldados recuaram um pouco devido ao susto repentino, e o rosto vermelho do dono da taverna empalideceu. O índio, que estava sentado no canto, começou a se arrastar em direção à porta, pois preferia ficar lá fora na tempestade a testemunhar a ira do sargento.

— Señor Zorro, hein? — Gonzales gritou de forma terrível. — Será que meu destino é ouvir sempre esse nome? Señor Zorro! Uma raposa, em outras palavras! Acho que ele pensa que é tão esperto quanto uma raposa. Com certeza é tão infame quanto uma!

Gonzales engoliu, encarou-os diretamente e continuou seu discurso.

— Ele anda para cima e para baixo no Camiño Real como uma cabra da montanha! Dizem que usa uma máscara e ostenta uma bela espada. Utiliza a ponta da espada para gravar a letra Z de forma odiosa no rosto de seus inimigos! Ah! Apelidaram-na de “A marca do Zorro”. Deve ser mesmo uma bela espada! Mas isso eu não posso assegurar, pois

nunca a vi. Ele não me dá a honra! As depredações do senhor Zorro nunca acontecem nos arredores de onde está o sargento Pedro Gonzales! Talvez esse senhor Zorro possa nos dizer a razão disso, hein?

Fitou os homens, levantou o lábio superior e deixou a ponta do bigode eriçar-se.

— Agora o estão chamando de “A Maldição de Capistrano” — observou o dono da taverna, enquanto abaixava para pegar a caneca de vinho e as cartas, na esperança de furtar uma moeda.

— A maldição de toda a estrada e de toda a sucessão de missões! — berrou o sargento. — Um criminoso é o que ele é! Um ladrão! Ora! Um homem comum que acredita conseguir uma reputação de bravura porque rouba uma fazenda e assusta algumas mulheres e índios! Señor Zorro, hein? Eis uma raposa que caçarei com prazer! “A Maldição de Capistrano”, hein? Sei que levei uma vida perversa, mas só peço aos santos uma coisa: que perdoem meus pecados e me deixem viver o suficiente para me concederem a dádiva de ficar frente a frente com esse belo ladrão de estrada!

— Há uma recompensa — o dono da taverna começou.

— Tirou as palavras de minha boca! — o sargento Gonzales protestou. — Há uma boa recompensa oferecida por Sua Excelência, o governador, para aquele que capturá-lo. E que sorte chegou até minha espada? Estou de folga em San Juan

Capistrano e o camarada faz sua atuação em Santa Barbara. Estou em Reina de Los Angeles e ele rouba uma bolsa em San Luis Rey. Janto em San Gabriel e ele rouba em San Diego de Alcála! Uma peste é o que ele é! Assim que o encontrar...

O sargento Gonzales engasgou-se em sua fúria e pegou a caneca de vinho que o dono da taverna já havia enchido e colocado perto dele. Tomou um gole.

— Bem, nunca nos visitou aqui — disse o dono da taverna com um suspiro de agradecimento.

— Por uma boa razão, gordo! Grande razão! Temos um presídio aqui e alguns soldados. Esse galante senõr Zorro passa bem longe de qualquer presídio! É veloz como um raio de sol, isso eu tenho que admitir, e tão fugidio quanto um!

O sargento Gonzales relaxou no banco novamente e o dono da taverna olhou com grande alívio na esperança de que não houvesse canecas, móveis e rostos de homens quebrados naquela noite chuvosa.

— Contudo, esse seõr Zorro precisa descansar de vez em quando, tem que se alimentar e dormir — disse o dono da taverna. — É claro que deve ter um lugar para se esconder e se recuperar. Algum dia desses, os soldados seguirão seus rastros até o esconderijo.

— Ora! — Gonzales retrucou. — Claro que o homem precisa comer e dormir. E o que ele alega agora? Diz que não é um ladrão de verdade. Diz que só está castigando aqueles que

maltratam os missionários. Amigo dos oprimidos, hein? Recentemente ele deixou um cartaz em Santa Barbara declarando isso, não? E qual pode ser a resposta a essa declaração? Os frades das missões estão protegendo-o, escondendo-o, dando-lhe comida e bebida! Aposto que se revistar um frade encontrarei algum vestígio do paradeiro desse ladrão de estrada, ou não me chamo sargento Gonzales!

— Não duvido de que fale a verdade — o dono da taverna respondeu. — Considero os frades capazes de fazer tal coisa. Mas que esse señor Zorro nunca venha nos visitar!

— E por que não, gordo? — o sargento Gonzales gritou com uma voz de trovão. — Não estou aqui? Não tenho uma espada ao meu lado? Será que você é uma coruja em plena luz do dia, que não consegue ver um palmo diante de seu nariz torto?

— Quero dizer — disse o dono da taverna rapidamente, de forma alarmada — que não quero ser roubado.

— O que você tem para ser roubado, gordo? Uma jarra de vinho agüado e uma refeição? Você tem bens, idiota? Deixe o camarada vir! Deixe esse audacioso e esperto señor Zorro entrar por essa porta e se apresentar a nós! Deixe-o fazer uma reverência, segundo dizem que faz, deixe seus olhos piscarem por entre a máscara! Deixe-me ao menos ver o camarada por um instante e receber a recompensa oferecida por Sua Excelência!

— Talvez ele tenha medo de se aventurar tão próximo ao presídio — retrucou o dono da taverna.

— Mais vinho! — Gonzales gritou. — Mais vinho, gordo, e coloque na minha conta! Quando ganhar a recompensa, você receberá tudo de uma só vez. Dou minha palavra de soldado! Se ao menos esse bravo e esperto señor Zorro, essa Maldição de Capistrano, entrasse por essa porta agora...

De repente, a porta se abriu.



2. NO ENCALÇO DA TEMPESTADE



Naquele instante, um homem entrou trazendo consigo uma rajada de chuva e de vento que fez tremeluzir as chamas das velas, apagando uma delas. Essa entrada súbita em meio à arrogância do sargento assustou a todos. Gonzales puxou sua espada até a metade da bainha, enquanto suas palavras sumiam da garganta. O índio fechou rapidamente a porta para impedir que o vento entrasse.

O recém-chegado virou-se e olhou para eles; o dono da taverna novamente suspirou aliviado. Não era Zorro, é claro. Era Don Diego de la Vega, um bonito rapaz de 24 anos e excelente família, famoso em toda extensão do Camiño Real por seu desinteresse pelas coisas sérias da vida.

— Ah! — gritou Gonzales, guardando sua espada.

— Por acaso assustei-os, señores? — perguntou educadamente Don Diego, com uma voz fina, olhando em volta do grande salão, cumprimentando todos com a cabeça.

— Se o fez, señor, foi porque entrou junto com a tempestade — rebateu o sargento. — Sua força não poderia assustar ninguém.

— Hum! — resmungou Don Diego, pondo de lado seu sombreiro e poncho ensopados. — Suas observações beiram a ousadia, meu carrancudo amigo.

— Devo entender que está querendo me censurar?

— É verdade — continuou Don Diego — que não tenho a fama de sair como um louco arriscando meu pescoço para lutar como um idiota com todo recém-chegado, nem de fazer serenata como um tolo sob a janela de todas as mulheres. Contudo, não me agrada que jogue na minha cara essas coisas que o señor presume serem meus defeitos.

— Ora! — gritou Gonzales, quase irritado.

— Já concordamos, sargento Gonzales, que podemos ser amigos e posso esquecer a enorme diferença de berço e formação que nos distancia, desde que o señor controle sua língua e seja camarada. Sua arrogância me diverte e pagarei pelo vinho de que precisa; é uma oferta justa. Mas caso volte a me ridicularizar em público ou em particular, señor, nosso acordo será desfeito. Devo mencionar que sou uma pessoa de certa influência...

— Perdão, meu cavalheiro e melhor amigo! — bradou o agora alarmado sargento. — Foi apenas um pequeno deslize de minha língua. O señor é muito mais forte que a tempestade lá fora. Daqui em diante, se alguém perguntar, o señor é sagaz e ágil com a espada, sempre pronto para combater ou para fazer amor. O señor é um homem de ação! Alguém aqui ousa duvidar disso?

Lançou um olhar penetrante e feroz por toda a taverna, desembainhou novamente sua espada até a metade, depois guardou-a e jogou sua cabeça para trás, dando uma sonora gargalhada. Em seguida deu algumas palmadas no ombro de Don Diego. O gordo dono da taverna rapidamente trouxe mais vinho, certo de que Don Diego de la Vega concordaria.

Essa estranha amizade entre Don Diego e o sargento Gonzales era comentada em todo Camiño Real. Don Diego era descendente de uma família rica que controlava uma vastidão de milhares de acres de terra, incontáveis rebanhos de cavalos e gado, e extensas plantações. Também era dono de uma fazenda, um pequeno império, além de uma casa no povoado e estava destinado a herdar de seu pai mais do triplo que já possuía.

Mas Don Diego era diferente dos jovens nobres daquela época. Parecia não gostar de ação. Raramente usava sua espada, exceto para conferir-lhe estilo ou servir de enfeite. Era abominavelmente educado com todas as mulheres e não cortejava nenhuma.

Sentava-se ao sol, ouvia as histórias fantásticas de outros homens e, de vez em quando, sorria. Era o oposto do sargento Pedro Gonzales sob todos os aspectos e, apesar disso, estavam sempre juntos. Era como dissera Don Diego: a arrogância do sargento o divertia, e o sargento, por sua vez, desfrutava do vinho gratuito. Que acordo poderia ser mais proveitoso que esse?

Don Diego alojou-se em frente à lareira para secar suas roupas, enquanto segurava em uma das mãos uma caneca de vinho tinto. Sua estatura era apenas mediana, embora fosse saudável e bonito. E, para desespero das damas de companhia, não lançava mais que um rápido olhar para as formosas senhoritas que protegiam e para quem buscavam bons maridos.

Gonzales, temendo ter irritado seu amigo e que isso resultasse no fim do vinho gratuito, agora esforçava-se para fazer as pazes.

— Cavalheiro, estávamos falando desse famoso señor Zorro — disse. — Conversávamos sobre essa incrível Maldição de Capristano, como algum tonto rapidamente resolveu denominar essa peste da estrada.

— O que tem ele? — perguntou Don Diego, abaixando sua caneca de vinho e escondendo com a mão um bocejo. Aqueles que conheciam bem Don Diego diziam que ele bocejava pelo menos dez vezes ao dia.

— Estava comentando — disse o sargento — que esse galante señor Zorro nunca aparece em minhas cercanias, mas tenho esperanças de que Deus me conceda a oportunidade de encará-lo um dia desses para que possa receber a recompensa oferecida pelo governador. Señor Zorro, hein? Ora!

— Não falemos dele então — pediu Don Diego, de costas para a lareira e levantando uma das mãos como em sinal de protesto. — Será que não consigo ouvir nenhuma novidade

que não seja atos de carnificina e violência? Seria possível para um homem nestes tempos turbulentos ouvir palavras sábias sobre música ou poetas?

— Quanta bobagem! — bufou o sargento Gonzales, expressando enorme descontentamento. — Se esse señor Zorro deseja arriscar seu pescoço, que o faça, ora essa! É o pescoço dele! Um criminoso! Um ladrão!

— Tenho ouvido coisas notáveis a respeito de seus atos — continuou Don Diego. — O sujeito, sem dúvida, é honesto em seu propósito. Não roubou ninguém, exceto oficiais que roubaram das missões e dos pobres. Nem maltratou ninguém, exceto os cruéis que maltratam os índios. Pelo que sei, não matou nenhum homem. Permita que ele desfrute de sua notoriedade à vista de todos, meu caro sargento.

— Prefiro receber a recompensa!

— Pois então lute por ela — disse Don Diego. — Prenda o homem!

— Vivo ou morto, diz a proclamação do governador. Eu mesmo a li.

— Então enfrente-o e crave nele sua espada, se isso o agrada — replicou Don Diego. — Depois conte-me tudo com detalhes. Mas por enquanto me poupe.

— Será uma história interessante! — gritou Gonzales. — E o señor a ouvirá por inteiro, tintim por tintim! Como me diverti com ele, como ri dele enquanto lutávamos, como o

empurrei para trás e, por fim, como o atravesssei com minha espada.

— Outra hora, agora não! — gritou Don Diego, irritado. — Mais vinho! A única maneira de parar esse arrogante rouco é deixar sua garganta larga tão lisa com vinho que as palavras não consigam saltar dela!

O dono da taverna encheu rapidamente as canecas. Don Diego sorveu vagarosamente seu vinho, como um cavalheiro, enquanto o sargento Gonzales bebeu o seu em dois grandes goles. Então, o herdeiro do clã dos Vega foi até o banco e pegou seu sombreiro e poncho.

— O quê? — gritou o sargento. — O señor vai nos deixar assim tão cedo? Vai enfrentar a fúria dessa forte tempestade?

— Pelo menos para isso sou forte o bastante — replicou Don Diego, sorrindo. — Só passei por aqui para buscar um pote de mel. Hoje os tolos ficaram com tanto medo da chuva que não foram até a fazenda entregar. Veja um para mim, senhorio.

— Devo escoltá-lo em segurança nesta tempestade até sua casa! — ofereceu-se o sargento, pois sabia que Don Diego guardava um excelente vinho envelhecido lá.

— O señor deve ficar aqui em frente a esse fogo ruidoso — disse Don Diego, com firmeza. — Não preciso da escolta de soldados do presídio para atravessar a praça. Vou examinar umas contas com meu escrivão e possivelmente retornarei à